



NA PRÁTICA, QUAIS OS PRINCIPAIS PONTOS DE MODIFICAÇÃO NAS GRANJAS?

Brasil, um expressivo exportador de carne suína, convive com um mercado de economia livre e sofre, naturalmente, forte concorrência e exigência para a consolidação e expansão do quadro de importadores. Assim, há um rol de granjas que já adotaram esses conceitos e outro número significativo de empresas que, nos próximos anos, implantarão esse modelo, identificando-se com o que a Europa sedimentou em 2013. Nas mudanças que se desenham, a prioridade é manter uma produção em escala sob custos competitivos, valorizando ao máximo o bem-estar animal.

TRANSIÇÃO PARA O MODELO DE GESTAÇÃO COLETIVA

A migração do alojamento em celas individuais, tratado como modelo convencional, para o sistema coletivo em baias, tem grande apelo social, mas representa um ponto de importante impacto econômico, dadas as mudanças estruturais que são demandadas.

As mudanças são inevitáveis, e as futuras ampliações de projetos seguirão essa nova concepção, no entanto muitas unidades que ainda adotam o sistema convencional deverão permanecer com esse modelo até que o Brasil tenha uma legislação própria.

ESTRUTURA FÍSICA DAS UNIDADES

As alterações na estrutura física das granjas são necessárias à medida que as celas individuais passam a ser substituídas pelas baias coletivas. Nesse novo desenho, a dimensão das baias pode variar, mas tende, nas granjas de grande escala produtiva, para baias grandes, com capacidade para 40 a 160 fêmeas, valores que predominam em muitas granjas no mundo.

Nesse modelo, o sistema de escoamento dos dejetos (fezes, urina e água residual), ou a limpeza das baias, é garantido pelo uso de pisos ripados, evitando o emprego abusivo de mão de obra. É recomendado que as baias tenham um percentual do piso ripado para atender à limpeza e uma área com piso compacto como área de descanso e para que os animais pratiquem caminhadas, correspondendo, respectivamente, em média, à seguinte razão, 43% e 57%.

Geralmente, os pisos de concreto ripado seguem a recomendação europeia, a qual orienta que as grelhas contenham a largura mínima das vigas de 80 mm e a largura máxima das aberturas (frestas) de 20 mm.

O design das baias deve contemplar a construção de áreas de fuga que, na prática, funcionam como divisórias,



Foto: Pablo Emilio de Mattos

^ Sistema convencional de gestação em celas.

constituindo um pré-requisito para que se possa trabalhar de forma harmônica com grupos grandes de fêmeas gestantes. Essas estruturas permitem a formação/manutenção de subgrupos de matrizes de comportamento estável hierarquicamente e com reduzido nível de agressividade.

A área útil recomendada para cada reprodutora, quando alojadas em grupos maiores ou iguais a 40 animais, é de 1,48 m² para leitoas após a cobertura, e de 2,03 m² para as porcas. Essa área deve ser livre, ou seja,

não é considerada a presença de equipamentos nesse cômputo. Com essas alterações estruturais, estima-se a necessidade de 10% a 15% mais área em relação ao sistema convencional para atender à legislação europeia de bem-estar animal.

Outras diferenças estruturais envolvem a presença das máquinas de alimentação automática nas baias das matrizes, e a disposição adjacente das baias de machos.



Foto: Pablo Emilio de Mattos

^ Sistema convencional em celas caracterizando privação física das matrizes.



Foto: Pablo Emilio de Mattos

^ Baias de gestação coletiva com piso ripado e compacto, evidenciando conforto e liberdade de movimentação.



Foto: Pablo Emilio de Mattos

^ Fêmea se alimentando (seta) enquanto as demais aguardam.

PRECISÃO NA ALIMENTAÇÃO

Convencionalmente, o arraçoamento das porcas gestantes alojadas em baias coletivas, independentemente da prática de um ou dois tratos por dia, se dá pela oferta diária de uma quantidade de ração baseada na necessidade média do consumo do lote. No entanto, do ponto de vista de eficiência, a proposta é inadequada para baias com médio e grande número de matrizes, pois levam a disputas que geram estresse, lesões e desuniformidade corporal do lote, além de maiores riscos de perdas reprodutivas.

Um dos recursos mais efetivos para minimizar esses danos é o uso de máquinas de alimentação eletrônica (Electronic Sow Feeding – ESF). Nesse processo, as fêmeas são identificadas por meio de *microships* instalados nos brincos presos às orelhas das matrizes, e a oferta de ração pelo equipamento é feita individualmente, sendo a quantidade diária de ração identificada especificadamente com o escore corporal e/ou a ordem de parto da matriz. A precisão na alimentação ainda preserva um baixo nível de estresse, beneficiando os índices produtivos e o bem-estar animal.

O processo alimentar consiste na identificação eletrônica da fêmea pelo equipamento, que passa a fornecer pequenas quantidades de ração (80-120 gramas) em intervalos regulares. O consumo é específico e limitado por fêmea, e a liberação da ração é interrompida quando o limite é atingido.

Esse sistema proporciona baixíssimo nível de perdas de ração, um insumo que representa o maior ele-

mento dos custos variáveis de produção. Assim, os ganhos econômicos mostram-se mais expressivos quando comparados com o arraçoamento convencional.

TREINAMENTO DOS ANIMAIS

Nos modelos coletivos que adotam os equipamentos eletrônicos de alimentação, as matrizes devem ser submetidas a treinamento para uso adequado do comedouro. O suíno é um animal inteligente, com grande capacidade de aprendizado e dotado de boa memória, o que garante bons resultados quando são treinados.

Esse processo de ensinamento/condicionamento deve ser iniciado com as fêmeas na condição de marrãs, portanto antes de atingirem a vida reprodutiva. O treinamento dura entre três e seis semanas (consecutivas) e deve ser acompanhado por funcionários experientes, que “ensinam” os animais a entrarem para se alimentar. É esperado que mais de 95% dos animais aprendam a utilizar o sistema durante o treinamento e, em granjas estabilizadas, as taxas são próximas a 100%.



Foto: Pablo Emilio de Mattos

^ Portas abertas (seta) do equipamento eletrônico de alimentação na fase inicial do treinamento de marrãs.



^ Subgrupos constituídos hierarquicamente em área de refúgio no sistema coletivo.

MANEJO REPRODUTIVO

Não existe um manejo reprodutivo padrão que possa ser aplicado em todas as unidades, pois os protocolos devem atender às peculiaridades de cada granja, considerando, assim, as diferenças estruturais (instalações), genéticas, de composição etária do plantel etc. No entanto, em granjas com gestações coletivas e alimentação eletrônica, é possível efetuar a transferência das matrizes do local de inseminação (celas individuais) para as baias coletivas logo após a última inseminação (sistema conhecido como cobre e solta) sem qualquer dano reprodutivo que extrapole os valores normais esperados (perdas embrionárias, repetições de cio, abortos etc.).

O manejo reprodutivo realizado nas baias coletivas é relativamente simples e fácil. Para identificação das fêmeas que retornam ao estro, os machos são

mantidos em baias anexas às baias das fêmeas cobertas. Quando demonstram interesse pelo reprodutor e se aproximam com frequência das baias dos machos, o sistema detecta esse comportamento reprodutivo por meio da leitura dos sinais eletrônicos dos brincos. Assim, após a sinalização efetua-se a confirmação do estro pela verificação do reflexo de tolerância ao homem na presença do cachaço.

Já no manejo de detecção de estro em granjas com gestação individual ou mesmo gestação coletiva sem o sistema eletrônico, o procedimento consiste em expor diariamente as fêmeas cobertas aos cachaços. Havendo a suspeita do estro, novamente é feita a identificação do reflexo de tolerância da fêmea ao homem na presença do cachaço. Portanto, a detecção de estro é facilitada no sistema eletrônico em relação ao método convencional, além de exigir menos mão de obra e dispêndio de tempo.

MANEJO SANITÁRIO

Outra vantagem do uso do sistema eletrônico nas baias coletivas de gestação é a possibilidade da programação do equipamento para a identificação das datas de vacinação. As matrizes são identificadas com tinta marcadora e/ou removidas pelo equipamento de suas baias para um corredor de manejo, facilitando a imunização. Também alguns equipamentos eletrônicos são dotados de um sistema que permite que seja feito o fornecimento seletivo de aditivos (medicamentos, nutracêuticos etc.) com a ração para a matriz.

O manejo sanitário torna-se mais fácil, flexível e efetivo, gerando ganhos produtivos importantes.



^ Fêmea em estro na abertura (janela) da baia de macho.
Fonte: Unidade da Frísia Cooperativa Agroindustrial (Carambei/PR).

Foto: Cleandro Pazinato Dias



^ Fêmea no corredor de manejo. O sistema identifica e separa automaticamente os animais, sistematizando o programa sanitário.

Fonte: Cleandro Pazinato Dias/Fazenda Miunça, DF.

Foto: Pablo Emilio de Mattos



^ Utilização do leitor eletrônico de microchips.

Foto: Pablo Emilio de Mattos



^ O sistema coletivo permite maior interação entre o homem e os animais.

CAPACITAÇÃO DAS EQUIPES

Operar um sistema de gestação coletiva exige das equipes de trabalho da granja e dos profissionais que assessoram essas unidades novos conhecimentos e habilidades. As equipes precisam dominar os equipamentos, operar com facilidade os leitores de *microchips*, fazer os ajustes mecânicos e eletrônicos das máquinas de alimentação e dar suporte aos *softwares* que controlam os programas alimentar, vacinal e reprodutivo. Os profissionais envolvidos, além das noções de funcionamento desses equipamentos, precisam dominar as ferramentas de gestão zootécnica e estarem preparados para interagir com as equipes. ●

AUTORES



CLEANDRO PAZINATO DIAS

Médico Veterinário
CRMV-PR 4625
MSc, DSc
Consultor do Ministério
da Agricultura Pecuária e
Abastecimento (MAPA)

XAVIER MANTECA

Médico Veterinário
Universidade Autônoma de
Barcelona (UAB)

CAIO ABÉRCIO DA SILVA

Médico Veterinário
CRMV-PR 1994
MSc, DSc
Docente
Centro de Ciências
Agrárias – DZO/UEL